

**POESIA EM  
DOIS VERSOS**



**VALTER DA ROSA BORGES**

**POESIA EM DOIS VERSOS**

**Recife – 2013**

Copyright © 2013, Valter da Rosa Borges

Capa e projeto gráfico-editorial:

Salete Rêgo Barros

Revisão:  
do autor

---

B732p      Borges, Valter da Rosa, 1934-  
              Poesia em dois versos / Valter da Ro-  
              sa Borges. – Recife: Ed. do Autor, 2013.  
              69p.

1. POESIA BRASILEIRA – PER-  
NAMBUCO. 1. Título.

CDU 869.0(81)-1  
CDD B869.1

PeR – BPE 13-347

---

Produção:  
Novoestilo Edições do Autor  
Rua Sérgio Magalhães, 54, Graças – Recife-PE  
Fone: 81 32433927  
[www.culturanordestina.com.br](http://www.culturanordestina.com.br)  
[saleterb@globo.com](mailto:saleterb@globo.com)

# Poesia em dois versos



A mente humana tenta unir os elos  
De imaginários mundos paralelos.

O bom senso em desuso  
Torna o mundo confuso.

Na vida calma dos bois  
Não há antes nem depois.

O vencedor sobe ao pódio  
Por degraus da inveja e do ódio.

Deus não precisa de sócio.  
Para que o sacerdócio?

As religiões, aos poucos,  
Geram seus próprios loucos.

De um fósforo aceso, o lume  
Também ilumina o estrume.

São os pensamentos sábios  
Que disciplinam os lábios.

Amuleto ou talismã  
Não protege o amanhã.

Invisível de si, o cego  
Constrói, no escuro, seu ego.

Um mestre não é caminho:  
Aprenda a andar sozinho.

Poucos podem ver a luz  
No meio de chaga e pus.

Nossas mentes são colmeias  
De pensamentos e ideias.

Tremem velas no velório:  
O adeus ao ser transitório.

Quase sempre a astúcia  
Veste luvas de pelúcia.

O amor, como um chafariz,  
Dessedenta os bons e os vis.

Há vidas que são o entulho  
Do ódio, da inveja, do orgulho.

A língua não é estática  
E está além da gramática.

As tristezas doem menos  
No fim de amores pequenos.

Em um mundo de imbecis e loucos,  
Os sãos são poucos e escapam poucos.

A vida suave,  
É um vôo de ave.

A ostensiva caridade  
É disfarce da vaidade.



É triste a vida suspensa  
Na esperança e na crença.

A inteligência dos pés  
Dançando nos cabarés.

Vantagem dos surdos:  
Não ouvem absurdos.

No mercado teológico  
Há sempre um deus ilógico.

De bondade se veste  
Também o cafajeste.

A Vida é imprevisível:  
não há garantia possível.

Até mesmo o lodo  
É parte do Todo.

Os becos sem saída  
Fazem parte da vida.

Sempre existirão profetas  
Para iludir os patetas.

Ruas tortas e vielas...  
Quantas saudades delas!

Pecados apetecíveis  
São inesquecíveis.

Há quem faz de sua vida  
Uma incurável ferida.

Qualquer apostolado  
Deixa a razão de lado.

Para o ébrio o melhor som  
É a voz do garçom.

Como agride a nota rústica  
A nossa memória acústica!

Contra a toga e a batina  
Não existe vacina.

Nem sempre o trono  
Garante o sono.

Feitos reais, feitos lendários  
Estão juntos nos calendários.

A beleza ri e dança  
Nos olhos de uma criança!

A vida é sempre a média  
Entre a tragédia e a comédia.

Na mais densa neblina,  
A fé nos ilumina.

Tanto o macho quanto a fêmea  
Busca a sua alma gêmea.

A hipocrisia se enfuna  
No púlpito e na tribuna.

Quanta coisa patética  
Nas tramas da dialética.

A paixão é parafuso,  
Que se desgasta com o uso.

Bendita seja a mortalha  
Que cobre cada canalha.

Como o navio, o morto  
Viaja para outro porto.

Milagre de uma costela:  
Clonado um Ele em Ela.

O mundo é um enigma.  
Não tem paradigma.

Quem na vida não foi tentado,  
jamais amou ou foi amado.

É fascinante todo esforço pródigo  
De conhecer, da natureza, o código.

Para muitos, a velhice é a idade  
Em que se perde a curiosidade.

Quem casa,  
Perde uma asa.

Pobre tímido! Vemo-lo  
Ante o amor, ficar trêmulo.

Em o tudo em que fazemos fica  
A nossa indelével rubrica.

Democrático é o esquife:  
Acolhe o justo e o patife.

- Tirano, qual teu legado?  
- Transformei o povo em gado.

Visto sob outro prisma,  
É perigoso o carisma.

O avanço tecnológico  
Não prova que o mundo é lógico.

O canto de um canário  
Alegra qualquer cenário.

Nessa vida provisória,  
Passa a glória, passa a escória

O tirano põe as botas  
Sobre a massa de idiotas.

Caminhos que não têm fim  
Dentro e fora de mim.

Insuportáveis os zurros  
De uma assembléia de burros.

Celebro a epifania  
Dos fatos de cada dia.

Mística tolice: a castidade  
Não é sinal de santidade.

Livre de censura e ataduras  
A imprensa ameaça as ditaduras.

A memória do nosso olfato  
Lembra o odor de cada fato.

A árvore não faz escolha  
Entre o fruto, a flor e a folha.

Nem toda imundície  
Está à superfície.

Às vezes, o que é grotesco  
Nos parece pitoresco.

A Vida nos dá um nó.  
A Morte nos torna pó.

Uma decisão unânime  
Pode ser pusilânime.

A vida é um enfado  
Se vista apenas de um lado.

No pano da Vida, as marcas  
Da tecelagem das Parcas.

Livremo-nos ao menos  
Dos nossos venenos.

Se a angústia te atormenta, impede-a  
De assumir, de tua vida, a rédea.

Por que fazer caso  
Do que pertence ao acaso?

Há um perigo enorme  
Em tudo o que é uniforme.

Nesse mundo tão complexo,  
Tudo parece sem nexos.

Da memória, no porão,  
Os nossos mortos estão.

Quanta gente sente falta  
Do seu tempo de ribalta!

Quem pode romper as grades  
De tantas férreas saudades?!

Nem sempre a razão é útil.  
Às vezes, a fé é fútil.

Por que o apego aos tempos idos?  
Todos nós seremos esquecidos.

A ciência teme o caótico.  
A arte renova-se no exótico.

De nada priva a morte a quem morreu,  
Pois não existe a lamentar um eu.

O sonho é uma ponte  
Que vai além do horizonte.

Quem pensa, sente-se estranho  
Quando está com o rebanho.

Nunca estou em conflito  
Com o real e o mito.

Quem pensa, vive odisseias  
Em perigosas ideias.

Por que vanglória?  
Tudo é vã glória.

O Apocalipse  
É, da razão, o eclipse.

Não há poder, não há domínio  
Que não tenha o seu declínio.

Há almas que, como o abutre,  
Só de carniça se nutre.

Às vezes, precisamos ser valentes  
E mostrar ao agressor os nossos dentes.

Nem sempre resiste o homem  
À voz de seu abdômen.

É o nosso maior algoz  
Quem cala a nossa voz.

Por atrativo, o pecado  
Sempre teve um bom mercado.

Nem o calor da bigorna  
Um coração frio amorna.

Não há vida serena  
Quando a ética gangrena.

Remover, do amor, a algema,  
É insolúvel problema.

Para quem sofre, estar vivo  
É inútil paliativo.

Um benigno tumor  
Cresce em silêncio – o amor.

Não existe a mais forte viga  
Que sustente a nossa fadiga.

A Inquisição fez do clero  
O sucessor de Nero.

No mundo de misérias,  
A bondade entra em férias.

No mundo, em todos os pontos,  
Cresce o numero dos tontos.



Talvez nos corações de duro cerne  
A semente do amor ainda hiberne.

O infinito não tem marco:  
Nosso espírito é que é parco.

O tempo é ágil.  
A vida é frágil.

É no furor da revolta  
Que a nossa fera se solta.

Resta sempre uma lembrança vaga  
Que a esponja do tempo não apaga.

Somos anjos ou demônios  
Conforme os nossos hormônios.

Da vida, a nossa razão,  
É comer o sim e o não.

Soldado, que fardo é a farda  
E a espera da morte, que tarda!

A felicidade flora  
Somente no chão do agora.

A vida, em cada fase,  
Busca sempre a homeostase.

O passado recompomos  
Com pedaços do que fomos.

Cuidemos que a nossa indulgência  
Não se converta em leniência.

Da religião, o feitiço,  
torna um povo submisso.

Construímos nossa história  
Em nossa volátil memória.

Há pessoas versáteis  
Em assuntos voláteis.

A Física Quântica é magia:  
Confunde o real e a fantasia.

O que resta do morto é a saudade  
E a sua impreenchível vacuidade.

Nunca o apego à vida é tão profundo  
Quando vemos morrer o moribundo.

Não confundamos o êxtase dos ascetas  
Com o pasmo obtuso dos patetas.

Toda preocupação soteriológica  
Entorpece a razão e inibe a lógica.

A sofrida lembrança do holocausto  
já pouco traumatiza o mundo exausto.

É sempre muito grave  
O silêncio de uma ave.

Do que a razão se desfaz,  
A imaginação refaz.

Pastor de mim, apascento  
A ovelha de cada momento.

Seremos sempre um Prometeu  
Atados às correntes do eu?

Na memória, o tempo extinto  
Perdeu-se em seu labirinto.

Feliz é quem sempre soube  
Que o que lhe veio lhe coube.

A vida sem loucura e sem paixão  
Apodrece de paz e solidão.

Sempre, de mim, muito uso.  
Pouco de mim recuso.

Cansei-me de átomos e partículas.  
Quero emoções mesmo ridículas.

Às vezes, da vida, a tessitura  
É feita com fios da amargura.

O pensamento se lava  
No duro chão da palavra.

A água lava.  
A lava lava?

Na argila de mim mesmo me componho  
À semelhança do que sou em sonho.

Morto dezembro, janeiro  
É, do ano velho, o coveiro.

Há um poder hipnótico  
Em cada ideal utópico.

Enquanto vivos, meus amigos, vinde  
Erguer à vida um caloroso brinde.

O vórtice do Cosmos me equilibra  
E vibra no meu corpo em cada fibra.

De que serviu o esperma  
Que gerou um palerma?!

Há muitas veleidades  
Disfarçadas de verdades.

A faxina do que fomos  
deixa mais leve o que somos.

Há momentos de estranha lucidez  
Em que nada é mais certo e, sim, talvez.

Viver é fazer malabarismos  
Em cordas estendidas sobre abismos.

O que se tornou virtual  
Pode voltar a ser real.

Muitas cabeças sem uso  
Fazem o mundo confuso.

Nem sempre a dor e o suor  
Tornaram alguém melhor.

Que maléficos gases  
Emanam de certas frases!

Se existiu um mundo edênico,  
O atual é esquizofrênico.

Em todo o universo não há centro,  
Nem o lado de fora ou o de dentro.

A quem amas, educa  
A nunca baixar a nuca.

Não há desgraça mais rude  
Do que a decrepitude.

Há crentes cujo delírio  
É entregar-se ao martírio

O vinho que a vida nos entrega  
Não deve ser guardado em nossa adega.

A natureza é meu encanto:  
Um misto de êxtase e de espanto.

É preciso calar o que tu sentes  
Se estais na companhia de serpentes.

Para as humanas questões  
Não servem as equações.

Quem pode saber o intuito  
Oculto no olhar fortuito?!

Se o teu amor é andejo,  
Não é amor, é desejo.

Doem muito os enganados  
Dos amores ciganos.

Um adeus, um nunca mais,  
Presença ausente no cais.

Olhar o mundo de longe  
É o refúgio do monge.

Quem perdeu a solidão,  
Procura a si mesmo em vão.

É pena que teus anelos  
Não vão além dos chinelos.

Que todo dia seja um festim.  
Ninguém sabe, da vida, o seu fim.

Ao raiar da manhã, de sono, tonto,  
O matemático dormiu no ponto.

Como o fogo, arde a chaga,  
E em cicatriz se apaga.

Quem mesmo sendo feliz,  
Não guarda uma cicatriz?!

O que há perdido em mim?  
O que há perdido de mim?

Qual o peso da vida em nossos ombros,  
Feita de tantos restos, e de escombros?!

No barco da vida moro.  
Em cada sonho eu ancoro.

Todos viajam para a morte.  
Não se exige passaporte.

O coração me aquece  
Quem, de mim, não esquece.

Às vezes, também o amor  
Tem laivos de mau humor.

Todo indivíduo comum  
Não sabe ser mais de um.

Os álbuns congelam nossos fatos.  
Ninguém envelhece nos retratos.

Se, um dia, fores perfeito,  
Verás que nada é perfeito.

A democracia é uma adolescente.  
A ditadura, uma velha experiente.

Em cada sepultamento  
Começa o esquecimento.

Às vezes, um rosto plácido  
Oculta um espírito ácido.

Se a velhice extinguiu tua volúpia,  
Reclame contra a natureza. Culpe-a.

De nada valem fúria ou lamúria:  
Se tu tens a alma enferma, então cure-a.

Quando o presente é penumbra,  
O futuro não se vislumbra.

Pode, às vezes, o carinho  
Ser a véspera do espinho.

Todo ideal é nulo,  
Se não sai do seu casulo.

O medo sempre plasma  
O nosso pior fantasma

Da vida, o maior mistério  
Começa no cemitério.

Quanta gente ruma,  
Em silêncio, a sua sina!

O que, por dentro, nos rói,  
É a dor que mais nos dói.



É na peleja dos egos  
Que todos se tornam cegos.

Há quem sinta conforto,  
Vivendo em um mundo torto.

De Deus, a marca perene  
Escondida em cada gene.

A religiosa demência  
nos atos de penitência.

Um, quer a paz do céu.  
Outro, a do mausoléu.

O bem dos outros atija,  
Em muita gente a cobiça.

A vida oferta falsas cédulas  
A todas as pessoas crédulas.

Às vezes, o que é unívoco  
É armadilha do equívoco.

Da juventude, nossa heróica gesta  
Desfaz-se na velhice, e nada resta.

O que é essa endócrina poção,  
Que nos envolve em tórrida paixão?!

No futuro, ser amante  
É mistura de carne e implante.

O trabalho de um gênio  
Vale por um milênio.

Não há milagre que una  
A pobreza à fortuna.

É uma homenagem fátua  
Erguer, ao morto, uma estátua.

Quem é essa tecelã,  
Que tece a luz da manhã?

A vida é um episódio  
Humano do amor e do ódio.

Caminhe pela vida e nunca temas:  
Até as belas coisas são algemas.

A vida é plena de traições. Espanta-nos  
A traiçoeira placidez dos pântanos.

No amor, não há defesa imunológica:  
Ele acende a paixão e apaga a lógica.

Ver, em tudo, um dever,  
Empobrece o viver.

A esperança fascina  
E age como a morfina.

Na ciência, a hipótese  
É provisória prótese.

Há quem busca no narcótico  
O encanto de um mundo exótico.

Até mesmo um mero argueiro  
Embaça a visão do arqueiro.

É a dor que mais dói  
Que fortalece o herói.

Na natureza, o perfume  
Vale tanto quanto o estrume.

A morte é uma breve pausa  
No eterno existir sem causa.

Quem quer a serenidade,  
Sepulta a sua vaidade.

Há na rede neural dos preguiçosos  
Um bilhão de neurônios ociosos.

Sem sonhos, o sono  
É um rei sem trono.

A vida sem idílio  
É o amor em exílio.

Há quem ache em seu anverso  
O lado oculto e perverso.

Enquanto a razão governa,  
O amor, sem voz, hiberna.

É inútil qualquer busca  
Quando a paixão nos ofusca.

A vida não é justa nem injusta.  
Por ser imponderável, ela assusta.

Na alma a amargura  
Deixa sempre uma fissura.

Nossa razão se conturba,  
No contato com a turba.

No mundo agora entrelaçado em redes,  
Não mais existem muros e paredes.

Neste silêncio denso  
De solidão, eu penso.

O que nos causa pânico  
É nosso viver mecânico.

Acaricia-me a chuva  
Com a maciez de uma luva.

Não posso apagar a cicatriz  
De todas as coisas que já fiz.

Não há nada mais espesso  
Do que nosso lado avesso.

Respondam-me de pronto:  
Onde é que começa o ponto?

Mais sagrados do que as naves  
São os ninhos simples das aves.

Da indulgência dos bons, o que se espera?  
Onde se tolera os maus, o mal prospera.

Faço parte do Todo, mas olvido-o.  
Eu prefiro viver como indivíduo.

Certas pessoas dóceis,  
Lembram a paz dos fósseis.

Quantas pessoas são  
Enfermas de solidão!

Cordilheiras da Vida. Humilde, escale-as,  
Sustentado, no Tempo, por sandálias.

O tempo é a massa com que faço  
Pensamentos concretos no espaço.

Sozinho, em minha torre de marfim,  
Contemplo tudo em seu início e fim.

O coração, é sempre bom ouvi-lo,  
Como se fosse o mestre e nós, pupilo.

As ondas do oceano em seu abraço,  
Sufoca-me de espuma e de sargaço.

Das guerras, tantos destroços!  
De tantos sonhos, os ossos.

Sonhamos tanto, contudo  
A vida não nós dá tudo.

Não há passado sem múmia,  
Livre-se dela: exume-a.

Na vida, há mais hiatos  
Do que sólidos fatos.

São sempre os paradoxos  
Que afligem os ortodoxos.

Livros são os portais  
De universos virtuais.

Na minha solidão, atento, eu cismo  
E me dissolvo no meu próprio abismo.

As esperanças voam uma a uma  
Em rodopio leve, como pluma.

Na mulher, também os cílios  
São, da paixão, utensílios.

Quem lucra com a fraude,  
A corrupção aplaude.

É sempre um pesado custo  
Viver no mundo e ser justo.

Quem é arisco  
Não corre risco.

Não devemos ir além  
Daquilo que nos convém.

Morreu o amor carente de carícias  
Na aridez de promessas fictícias.

Das angústias, não me oprimo:  
As flores nascem do limo.

A saudade retorna a cada instante  
À boca da memória ruminante.

A morte oculta nos escuros becos.  
A vida transformada em galhos secos.

A tirania é uma paranóia  
Que na própria loucura se apóia.

Quase sempre os suicidas  
Foram vidas mal vividas.

Sejamos, na vida, uma fonte  
E, entre tudo o que existe, a ponte.

O amor não tem preço,  
Nem também endereço.

A paixão, que nos fere, se assemelha,  
No coração, ao corte de uma relha.

Não quero que me contem  
Os fatos mortos de ontem.

Um grande amor, que morreu, repousa  
Na álgida saudade de uma lousa.

Da vida talvez não reste a  
Mais apagada réstia.

Há lábios meigos  
Que, do amor, são leigos.

A meditação se irmana  
Ao vazio do Nirvana.

Seios duros, belos seios!  
No auge das paixões, amei-os.

Nada por obrigação,  
Porém tudo por paixão.

Há quem se sinta refém  
Do dever de fazer o bem.

Com que garbo, com que estro,  
Rege a orquestra o maestro.

A vida com seus custos.  
O acaso com seus sustos.

Quem não teve qualquer mérito  
Guarda um inútil pretérito.

De equívoco e gafe  
Não há quem se safe.



Dorme o Amor. Não ouse  
Perturbar-lhe repouso.

É preciso que a guerra cesse  
Para brotar, da paz, a messe.

O velho observa a criança  
E, de novo, a infância alcança.

Da memória, nos arquivos,  
Os mortos vivem nos vivos.

Agradeço a vida pelo  
Seu fogo e seu gelo.

O sábio não tagarela:  
O seu silêncio o revela.

O diagnóstico de um século  
Não se faz usando um espéculo.

Muito do que já se disse  
Foi apenas parvoíce.

São naturalmente opacos  
Os mentirosos e os fracos.

Às vezes, o que é canônico  
Já se tornou anacrônico.

Busco sempre fazer o mais  
Em cada momento fugaz.

De Deus, os arautos  
Enganam incautos.

A razão se torna anêmica  
Em improfícua polêmica.

A esperança se sustenta  
Em meio a qualquer tormenta.

Da raça humana, os órgãos e esqueletos  
Em breve ficarão obsoletos.

Às vezes, é mais seguro  
Permanecermos no escuro.

A vida cobra tributo  
Do sofrimento e do luto.

Na poesia, o exagero,  
Serve como tempero.

Do silêncio, é preciso abrir os lacres  
E expor ao mundo todos os massacres.

O apego ao que se tem  
É um cárcere também.

Sofre o mais terrível jugo  
Quem, de si mesmo, é verdugo.

Quanto mais, aos bens, te agarras,  
Mas apertam-te as amarras.

A razão é a mestra  
Que nossa vida adestra.

Como o Sol no final da tarde  
O calor da paixão já não arde.

A alma descansa, leda,  
À sombra de uma alameda.

A mente que é sempre ávida  
vive, de ideias, grávida.

Alcançar o proêmio  
Nem sempre é o melhor prêmio.

A beleza, em pequena dose,  
É uma sutil hipnose.

Os prazeres mais amenos,  
Podem ocultar venenos.

A paixão é o surto  
De um sentimento curto.

O amor é a dopamina  
Que nos vicia e domina.

Há quem mesmo na luz  
Não enxerga seu pus.

Tornamo-nos abjetos  
Pelo apego aos objetos.

A rotina cria calos.  
Como é difícil extirpá-los!

Até a criação termina  
Em monótona rotina.

É sempre a moderação  
Que equilibra o sim e o não.

Não sou religioso, não temo  
Que me chamem de blasfemo.

Talvez o teólogo inveje  
A liberdade do herege.

O amor apaga os vestígios  
Dos mais odiosos litígios.

Para o bem ou para o mal  
Toda violência é igual.

Excesso de gentileza  
É sinal de esperteza.

Por mais esforços que a memória faça,  
Do tempo que passou, resta a carcaça.

No caos se revela a norma:  
A matéria aspira à forma.

A dor da saudade  
Não tem idade.

Da vida, os obstáculos  
São, do acaso, os tentáculos.

Prefiro o calor da ascese  
À frieza da exegese.

O gênio tem, como ventura,  
A sua lúcida loucura.

Vão-se as dores, o sonho, a fama e a glória.  
O tempo é a borracha da memória.

O aroma que sai do turíbulo  
invade a igreja e o prostíbulo.

Mesmo os pequenos vícios  
Tornam-se vitalícios.

O mundo sempre é controverso.  
Seja no verso ou no reverso.

Tantas figuras seráficas  
Somente existem nas gráficas.

Viver é meu ofício,  
Pensar, meu exercício.

Era um pássaro triste:  
Sem amor e sem alpiste.

Quem aspira ao amor não faça  
De sua vida uma couraça.

A vida é o nosso sim,  
A morte é o nosso não.

Ninguém removerá o oculto crivo  
De quem, de sua dor, se fez cativo.

As ditaduras são oficinas,  
Que produzem carnificinas.

Oculto em íntima muralha,  
O tímido amor se agasalha.

A vida a alguns ensina  
A ser ave de rapina.

Fechemo-nos como a noz  
Em qualquer lugar feroz.

Sempre me causa embaraço  
O bem que não fiz, ou não faço.

O excesso de cortesia  
É sócia da hipocrisia.

O tempo toda a nossa vida suga  
E deixa a sua marca em cada ruga.

Dos amigos não me afasto,  
Mas, de mim mesmo, me basto.

Nem sempre, de alguém, o charme  
É capaz de conquistar-me.

Nesse mundo, a confiança  
É uma ingênua criança.

O tempo faz o seu serviço,  
Roubando-nos o nosso viço.

Tudo o que a gente repete  
Nos transforma em marionete.

Todos os nossos apegos  
São cegos como os morcegos.

A vida, aonde ela for  
Leva perfume e bolor.

Eruditos? Evitai-os.  
Muitos são papagaios.

Nem sempre a gente sabe  
Aquilo que nos cabe.

A vaidade, como a esponja,  
Absorve qualquer lisonja.

Dos campos de batalha, nas trincheiras,  
Quantos sonhos frustrados nas caveiras!

Um sentimento agônico se abate  
Em quem não fez, do que foi, o resgate.

Dos sonhos não vividos, sempre os ouço  
Gemer em meu oculto calabouço.

Da vida, (não sejas tolo!)  
Explicações são consolo.

Do que já fomos, sempre ficam restos  
Das palavras, dos sonhos e dos gestos.

Criança que fui, não me atice  
A ser você na velhice.

Na falta de luta e assédio,  
A vida apodrece em tédio.

Quem à fama tem apego,  
Nunca mais terá sossego.

Há ainda quem se ilude  
De que sofrer é virtude.

Apego, uma tortura  
Que é de difícil cura.

Algumas pessoas vis  
Sabem também ser gentis.

Até a malícia  
Exige perícia.

Vivamos a vida sem  
Apego ou desdém.

Erros? A vida não perdoa. Pune-os  
Com grande variedade de infortúnios.



Às vezes, na perspicácia,  
Se oculta uma falácia.

O orvalho da dor, gota a gota,  
Molha o tecido da alma rota.

Uma emoção brusca  
A razão ofusca.

Morre o amor, morre o desejo,  
Se a vida é tédio e bocejo.

Certas seitas e cultos  
São, à razão, insultos.

Por que, ó crente, te afliges?  
Deus não é o bóson de Higgs.

Aborrece, mas é lícito  
Ser um vaidoso explícito.

Somente o surdo não receia  
Ouvir o canto de sereia.

É um diálogo vão,  
Se todos, de acordo, estão.

Põe, da alegria, a túnica,  
Como se ela fosse a única.

Outrora, debruçado no postigo,  
Via o que ver hoje não consigo.

Revejo a mocidade,  
Debruçado na saudade.

Da glória, os abstêmios  
Recusam honras e prêmios.

Sempre tenho ojeriza  
A qualquer pitonisa.

O homem pio  
Teme o seu cio.

A estátua do Amor. Esculpe-a  
Com o cinzel da volúpia.

Quem, no isolamento, se ilha,  
Perde o prazer da partilha.

Da vida, o melhor molho  
É, do silêncio, que eu colho.

Tudo o que não fiz, me acusa  
Com um olhar de Medusa.

A passagem da vida não demora:  
Folha verde ontem, folha seca agora.

Um dia qualquer, todos passaremos.  
Deixe a canoa à toa, solte os remos.

É difícil ao terapeuta  
ajudar o apedeuta.

Amem!  
Amém.

Da vida de alguns, o estofó  
É feito de pó e mofo.

Quem quebrou o seu molde,  
Não há ninguém que o solde.

Quantas ideias tu lavras  
Com sementes de palavras!

Nunca se sinta preso  
Nas garras do menosprezo.

A saciedade do desejo evite  
Para manter, do amor, o apetite.

Que a alma nunca se manche  
No desejo de revanche.

Nem todo consenso  
É o melhor senso.

Nas guerras santas, as opas  
Comandam as laicas tropas.

A alma também se asila  
No vegetal, na argila?!

Desconfio do pernóstico  
Que se passa por agnóstico.

Os pensamentos ímpios,  
De tua mente, limpe-os.

Há pessoas dóceis  
Que parecem fósseis.

Para onde ruma  
Uma perdida pluma?

Para ter bens, não luto.  
A vida é usufruto.

Quando me esqueço do eu,  
Vejo que nada é meu.

Quanta coragem rende-se,  
À forte dor do apêndice.

Todos somos, na verdade,  
Instantes da eternidade.

Quem muito de si se jacta  
À vaidade alheia impacta.

A vida, às vezes ludíbrio,  
Às vezes desequilíbrio.

Por que importância dais  
À arrogância dos boçais?

Mulher bela em pleno viço  
É perigoso feitiço.

Deixa a monogamia para seres  
Polígamo de múltiplos saberes.

Sinto-me pleno quando  
Eu estou meditando.

A morte é a dissolução  
Do que foi sim, do que foi não.

Em todas as coisas que fiz  
Deixei a minha raiz.

Se nada está garantido,  
É melhor ser do que sido.

Seja Excelência ou Alteza  
O que lhes garante a grandeza?!

O que mais me apraz  
É o sabor da paz.

A timidez - o garrote  
Que sufoca a nossa glote.

Quem, de seitas, é adepto,  
Quase sempre é um inepto

Para alguém que não pensa,  
O saber é ofensa.

Das mentes, a castração  
Deseja a religião.

Os tempos são sempre ferozes,  
Feitos de vítimas e algozes.

Há quem se torne rico  
E continue jerico.

A razão vence.  
A emoção convence.

Para os ardores genésicos  
Não existem analgésicos.

Quem, de si, gasta pouco  
É avarento e louco.

A vida, pálido asceta,  
Não é só uma linha reta.

O excesso do que é erótico,  
Torna-se um vício despótico.

Conhecer – eis o manjar  
Para quem sabe pensar.

A vida em feita de fios,  
Ligando, entre si, os vazios.

De sombras densas se tinge  
Nossa íntima esfinge.

Na morte, não há barganha:  
Você perde, ela ganha.

De muitas coisas me calo  
Para evitar mais um calo.

Quem é popular recebe  
O aplauso fácil da plebe.

Bem-aventurados os ateus:  
não morrem em nome de Deus.

O fanático o ódio implanta  
Quando prega a guerra santa.

No meu mais profundo sono,  
O ilusório eu abandono.

No silêncio do meu quarto,  
Da paz interior me farto.

Muita gente notória  
Tem a mente simplória.

Que a dor dos outros nos revele  
Que o mundo é também nossa pele.

O amor que se dá ou se nega  
De qualquer forma nos cega.

Da tua vida, não prives  
De ser o seu próprio ourives.

Quem é estulto  
Não se torna adulto.

Embora sejamos mais,  
Somos também animais.

Nos berços e nos ninhos  
Começam os caminhos.

A dor à vida se atrela  
Na mansão ou na favela.

Acabemos com essa ânsia:  
Nada tem importância.

Por que ainda te conturbas  
Com a loucura das turbas?

Perante a dor, ser irônico  
É o nosso melhor tônico.

A maioria imbecil  
Faz, do país, um redil.

Quando o prazer degenera  
É a mais terrível fera.

Nem sempre a diversidade  
causa adversidade.

Não há força que dome  
O poder do abdome.

Quando invernamos, as saudades chovem.  
Foi-se nosso verão. Morreu o jovem.



Somente os ingênuos pensam  
Que a vida é sempre uma bênção.

A mente é a oficina  
Que fabrica a nossa sina.

Um santo pode ser rude  
Em sua beatitude.

O esquecimento repousa  
Na inscrição de cada lousa.

Do vigarista, o papalvo  
É o seu predileto alvo.

Teológicas sumas  
Enchem a mente de brumas.

O que torna a nação cética  
É a decadência da ética.

Das separações, a morte  
É o derradeiro corte.

A ciência ensina.  
A arte fascina.

Amar é um privilégio:  
Faz, da vida, um sortilégio.

Se o beijo a paixão não aviva  
É permuta de saliva.

Tudo o que não é laico  
É certamente arcaico.

A morte nos dá por troféu  
A cova rasa ou o mausoléu.

Toda casta  
É nefasta.

Da nossa vida, em cada estágio,  
O tempo cobra o seu pedágio.

A cegueira da crença:  
Incurável doença.

A vida flui, momento por momento,  
Em direção ao mar do esquecimento.

Uma alegria postiça  
Na alma carente viça.

Somente o agora é real.  
Tudo o mais é virtual.

O mundo é o fermento  
Que nutre o pensamento.

A maior indigência:  
A falta de inteligência.

A minha vida, a cada dia, esculpo,  
E os erros de escultor sempre desculpo.

Nada haverá por vir  
Se não houver porvir.

A mão que afaga  
Alivia a dor da chaga.

Quem sempre concorda (acho),  
Faz, de si, um capacho.

A vida a dois é arenga  
Quando o amor fica capenga.

Quase sempre os herdeiros  
Não passam de interesseiros.

Entre o cético e o ascético  
O confronto dialético.

Prefiro minha solidão  
Ao convívio da multidão.

Lembra-te: cada momento  
É, do futuro, o fermento.

O mundo parece um ermo  
Para o espírito enfermo.

Os mais covardes servos  
São dóceis como os cervos.

Decepções? Guardo-as.  
Porém sem ódios ou mágoas.

Há casais que vivem juntos  
(morto o amor) como defuntos.

O corpo, abalado, fica  
Quando o espírito claudica.

A mente revel  
Pode ser cruel.

Um sofrimento agudo  
Muitas vezes é mudo.

Talvez jamais se saiba  
O que na mente caiba.

Entre o sim e o não (bem vês)  
Pode existir um talvez

Há sorrisos largos,  
Porém amargos.

A irresistível sedução  
da beleza ofusca a razão.

Volto ao que fui se me banho  
Nas águas do mar de antanho.

O zelo pela gramática  
Deixa a linguagem apática.

Nós somos feitos de fatos  
E da soma dos nossos atos.

Nos velhos, o sexo  
É um anexo.

Alguns pensamentos  
São, da mente, excrementos.

A paixão nos abafa.  
O tédio nos estafa.

Nada temos além do presente  
E do que temos no presente.

No corpo envelhecido surgem marcas  
Do destino traçado pelas Parcas.

Nos álbuns de retratos,  
Aprisionados fatos..

Será que existe o hormônio  
Que inibe o matrimônio?

Não há pior cansaço  
Do que o do fracasso.

Quem vive uma vida tensa  
Não sai da convalescença.

Seja o bem, seja o mal,  
Tudo é circunstancial.

Ilusão do ocaso, o Sol  
Pensando estar no arrebol.

Na vida, fiz do ócio  
O meu único sócio.

Se queres erguer para ti um templo,  
Jamais uses palavras, mas exemplo.

Não se pode ser castiço,  
Vivendo-se em um cortiço.

O apego ao patrimônio  
É o pior demônio.

Por que vivemos a assumir encargos,  
Podemos colher frutos amargos.

Do espírito, a miséria  
É não ter mais matéria.

O pó voando, solto, na estrada,  
É livre, não se prende a nada.

Bendita seja a nossa incompletude,  
Que faz que a nossa vida sempre mude.

Para o corpo, é injusto  
Mantê-lo vivo a qualquer custo.

É, do idoso, a esperança:  
Reaprender a ser criança.

Quem não sabe brincar,  
Merece o nosso pesar.

Poucos são céticos.  
Muitos, miméticos.

Lutam na mesma liça  
A preguiça e a cobiça.

Não se pode ser equânime  
Com quem é pusilânime.

Em nós, o infinito interior,  
Contempla o infinito exterior.

Nem o bem. Nem o mal.  
Só o ócio é natural.

Os retratos  
São mortos fatos.

Para que serve a emoção,  
Quando o sofrimento é vão?

Entre cardos e fardos  
Cantam os bardos.

A beleza me enriquece.  
É meu mantra. Minha prece.

Nas ocasiões de enlevo,  
Entro em transe e então escrevo.

Em tudo o que gosto,  
Eu creio e aposto.

Para mim, é bastante  
Viver pleno em cada instante.

Depois do orgasmo,  
O doce marasmo.

Não há palavra morta, mas esquecida,  
Como tantas coisas da vida.

Entre a luz e a escuridão, a penumbra.  
Nela, a imaginação se alumbra.

Uma ideia sempre me ocorre:  
A vida, sem a arte, é um porre.

Um deus ubíquo  
Pode ser iníquo.

Por que ficarmos aflitos?  
Sempre teremos conflitos.

Versos mal ditos são malditos.  
Versos bem ditos são benditos.

Além dos bajuladores, os ditadores  
Têm também admiradores.

O moribundo, no seu último hausto,  
Deixa o mundo de que estava exausto.

Quem é capaz de ouvir o cântico  
Do universo quântico?



Um dia, em tua vida, hás de haverdes  
Dias plenos de sol em campos verdes.

Criar o ser humano  
Foi, de Deus, um engano.

Tudo o que posso, faço  
No meu íntimo espaço.

É da vida de lazer  
Que brota o melhor prazer.

Corpos sem paixão..  
Já mortos estão.

Até uma alma impoluta  
Não condena a prostituta.

De dia, sou Orfeu.  
De noite, sou Morfeu.

Então, a vida despertou do sono  
Onde jazia, inerme, no carbono.

Fonte de prazer, a cortesã  
Vara a madrugada em seu afã.

O que se parece sacro  
Pode ser um simulacro.

O falso milagre  
É como o vinagre.

O que é possível  
Pode ser terrível.

Para o sofrer (percebo),  
A arte é o melhor placebo.

Há muitos olhares plenos  
De pensamentos obscenos.

Nossa vida é pendular  
Até seu tempo parar.

Quando alguém diz – isso é meu –  
A posse já o prendeu.

Desfrute, a cada minuto,  
Da vida, o seu usufruto.

Se a vida te deu a prata,  
Não a transforme em sucata.

Do prazer, ninguém se farte:  
Ele é a verdadeira arte.

A pureza e a santidade:  
Formas sutis da vaidade.

Procuro dizer o que sinto  
Sempre de modo sucinto.

Se aos rios da vida aflu  
Nas correntezas fluo.

Enquanto desejos moo,  
O sumo de tudo coo.

Na mesa do mundo ponho  
O meu mais ousado sonho.

Há quem faça jus  
De viver no pus.

Eu não julgo  
O que faz o vulgo.

O mundo será conforme  
Quem está desperto ou dorme.

Há quem carrega consigo,  
Do que não fez, o jazigo.

Somente a esperança forra  
O duro chão da masmorra.

No túbulo jaz  
A última paz.

Quem se vê como Narciso,  
Perdeu, para sempre, o siso.

O universo não se cansa  
Na sua infinita dança.

A paixão que nos esquenta,  
Arde como pimenta.

Há uma luz que cintila  
Em que cada face tranquila.

A Terra sente os eflúvios  
Dos antepassados dilúvios.

Tuas angústias?! Apague-as.  
Voa alto como as águias.

Os livres pensamentos  
Rejeitam sacramentos.

O “pecado original”  
Só nos fez bem, afinal.

Nada me faz franzir o cenho:  
Amo o que tive e o que tenho.

Teme a falta de amor. Teme-a.  
Sem o amor, tudo é blasfêmia.

Por causa deste amor, hei de ter-vos  
Presente no meu sangue e nos meus nervos.

O brilho das mentes tolas  
É feito de lantejoulas.

As pessoas são, ano após ano,  
Sonâmbulas do cotidiano.

Do apego às posses, sorrio.  
Tudo passa como o rio.

Fome do mundo, ávido cio.  
Depois do prazer, o fastio.

Da vida, o suspenso fio,  
Balouça sobre o vazio.

A razão nos avisa:  
A paixão escraviza.

Não me assustam labirintos.  
Confio nos meus instintos.

Depois de tantas borrascas,  
Do amor só restam as cascas.

A sutil sedução de um elogio,  
É, para a vaidade, um desafio.

Se não conheces tuas forças, mede-as  
Para contê-las em seguras rédeas.

Ruge a porta em seus gonzos  
E rompe a oração dos bonzos.

As emoções, mesmos as fracas,  
Produzem sempre ressacas.

A vida plena no tripé:  
Razão, emoção e fé.

Vidas pintadas de cal,  
Pessoas simples sem sal.

Há quem mereça o deboche  
Por ser, dos outros, fantoche.

É perigoso o conúbio  
Com o que parece dúbio.

Quem parece conspícuo,  
Pode ser promíscuo.

Dos outros, cuida das manhas  
E também das artimanhas.

Esses falastrões, como contê-los  
A não falar pelos cotovelos?!

Na mente, fica o estigma  
De um rígido paradigma.

Ao menos, os vazios crânios  
Servem para plantar gerânios.

Se não cuidas do aquário, não te queixes  
Que, nele, morram seus amados peixes.

Vida pobre, vida dura,  
Amassada de amargura.

Da vida, a cada episódio,  
Predomina o amor ou o ódio.

Quem pode conter a fúria  
De uma pertinaz luxúria?

Cada guru quer mostrar  
Que é o único Avatar.

Que espécie de legado  
Deixaremos para o gado?

Todo nosso anseio ligo-o  
A este viver ambíguo.

A rigidez é sempre o sintoma  
De quem faz, de tudo, um axioma.

Na solidão, urdo  
As tramas do absurdo.

Inventados arcanos:  
Além de inúteis, insanos.

As coisas são como são:  
Não precisam de explicação.

Para a vida, a linguagem  
É apenas plumagem.

Ninguém, a nada, é imune:  
A vida, a tudo, nos une.

Ao amor nada se negue,  
Quando ele nos persegue.

Do mundo, a física quântica  
É uma nova semântica.

A dor do mundo que choro,  
Sai de mim em cada poro.

Busque-se, da Vida, o cerne,  
Antes que o Ser inverne.

No silêncio, talvez ouças  
Canções da chuva nas poças.

Como as coisas são voláteis,  
Precisamos ser versáteis.

As emoções obscuras  
Fazem, na mente, fissuras.

Mesmo no escuro espesso,  
Como a planta oculta, cresço.

Um sentimento mestiço  
Liga a mansão ao cortiço.

Destilam-se venenos  
Nos gestos obscenos.

Na memória não guardo  
O que possa ser um fardo.

Tanta pressa nos ilude:  
A vida agora é fast-food.

Desgasto-me, no mundo, enquanto atuo,  
Porém, na solidão, me reconstruo.



Ter a alma feliz e em alvoroço,  
Mesmo no mundo que pareça insosso.

Permito-me tirar férias  
De todas as coisas sérias.

O mundo é essa alternância  
Entre o simplório e a ganância.

A paz: cada bicho  
Em seu próprio nicho.

Manter a vida harmônica  
Na sociedade agônica.

A vida cura suas escleroses  
No dinamismo das metamorfoses.

O tempo apaga os resíduos  
De todos os indivíduos.

Às coisas insanas  
Entoam-se hosanas.

Os erros crassos  
Dão embaraços.

Da paixão, os doces favos  
Nos fazem dóceis escravos.

Na alegria lúdica  
A euforia búdica.

A vida é sempre esse eterno jogo  
Entre os contrários, como a água e o fogo

É ansiedade demais  
Para quem quer sempre mais.

Da humanidade, os mutantes  
São seus melhores pensantes.

Vozes estranhas, em hostes,  
Falaram no pentecostes.

Para ser meu próprio mestre,  
Deixo que a vida me adestre.

Às vezes, as emoções  
São intoxicações.

Só um espírito maduro  
Pode entender Epicuro.

Um cérebro rígido.  
Um coração frígido.

De que te valem tantas coisas caras,  
Se tu tens a alma enferma e com escaras?!

A maldade, na alma, encarna  
Como pestilenta sarna.

Ora calmas, ora hediondas,  
Como varia o humor das ondas!

Quantos sonhos velhos, rotos,  
Nos lixos e nos esgotos!

Nas aflições mais severas,  
Os sonhos de primaveras.

No rosto que fica rubro,  
Mensagens de amor descubro.

Às vezes, ser irônico,  
É nosso melhor tônico.

Dos iludidos crentes, as falanges  
Vão se purificar no rio Ganges.

Quem o fogo da paixão ateia  
Nos outros, um dia se incendeia.

Na espessa solidão de um ermo,  
Se oculta um coração enfermo.

O tempo passa e a gente não esquece,  
Dos sonhos juvenis, a farta messe.

No quarto escuro, uma nesga  
De luz na solidão vesga.

A poesia é isso:  
Irresistível feitiço.

De Alá, o lembrete  
No alto do minarete.

O corpo da mulher turca  
Aprisionado na burca.

Erguem-se obeliscos  
Aos fatos, agora ciscos.

Muitas vezes, na vida, é preciso  
Escolher entre Apolo e Dioniso.

Emoção raquítica?  
Vida parálítica.

Como é sempre curto,  
Da beleza, o surto!

No êxtase de um segundo,  
A compreensão do mundo.

Atamos tantos nós...  
Quem nos salvará de nós?!

A explosão demográfica, aos saltos,  
Parece confirma a lei de Malthus.

Que espécie de demônio  
Rasga a camada de ozônio?!

O ódio é o vestibulo  
De um oculto patíbulo.

Faço do meu silêncio o véu  
Que me oculta do povaréu.

Há quem pensa ser um santo.  
Porque perdeu, do mundo, o encanto.

Sou o que sou sem remorso  
E, para ser mais, me esforço.

À natureza devo  
O meu êxtase e enlevo.

Não se compare o martírio  
À formosura do lírio.